

Fantasma assombram prédios públicos

Eles não são do tipo que depositam cheques, mas costumam aparecer ou indicar sua presença em vários pontos

GERALDA FERNANDES

Movimentados durante todo o dia pelo vaivém de funcionários e visitantes, vários prédios em Brasília se enchem de mistérios, no silêncio da noite, quando acontecem coisas do outro mundo e são visitados por almas penadas. Os moiares videntes destes fantasmas — que não depositam cheques em contas bancárias de amigos, mas que surgem do nada para dar um aviso, solicitar um favor, pedir perdão ou, simplesmente, assustar as pessoas — são os vigias, que zelam pelo patrimônio público. Quem viu nunca se esquece. Os que ouvem falar batem três vezes na madeira, se benzem e pedem a proteção de Deus. Poucos são os que dizem não acreditar e desafiam as aparições.

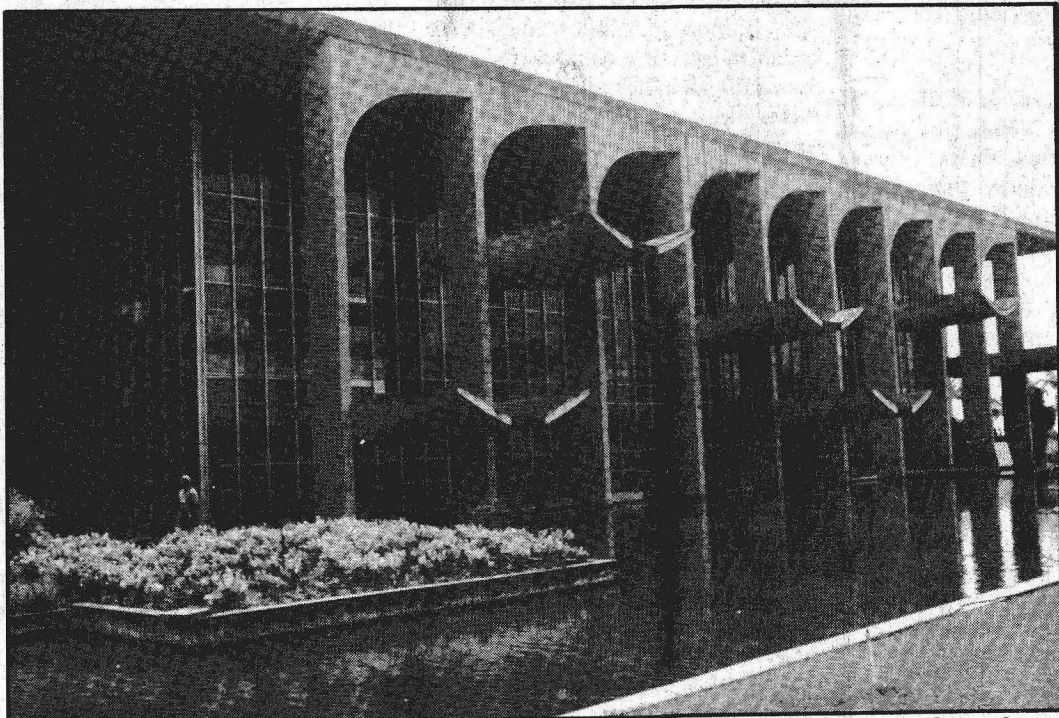
Os fantasmas estão presentes no edifício anexo do Palácio do Buriti; do Ministério da Justiça; no Congresso Nacional; no Tribunal Superior Eleitoral; ou no Museu de Arte de Brasília. Passam ainda pelo Teatro Nacional e pela Torre de Televisão e, para mostrar que não fazem distinção de lugar, rondam as instalações do prédio da direção-geral da Polícia Civil. De acordo com as histórias contadas, são vistas pessoas que morreram no local onde o prédio foi construído, ou durante sua construção ou ainda ex-funcionários dos órgãos, em busca de recordações ou de paz de espírito.

Cafezinho — “Se eu tivesse medo não estaria trabalhando mais aqui”, disse um senhor que trabalha como vigia no anexo do Palácio do Buriti há 15 anos e preferiu não se identificar. “Existe até um ex-gerente que é visto servindo cafezinho”, contou, acrescentando ser comum ouvir passos, barulho de pessoas descendo as escadas, gemidos; vozes, barulho de xícaras na copa, abrir e fechar de portas. “De vez em quando, sem ninguém chamar, o elevador sobe até o décimo terceiro andar e depois a gente escuta uma pessoa batendo máquina — datilografando — na sala em que trabalhava um economista, que morreu há alguns anos”, disse.

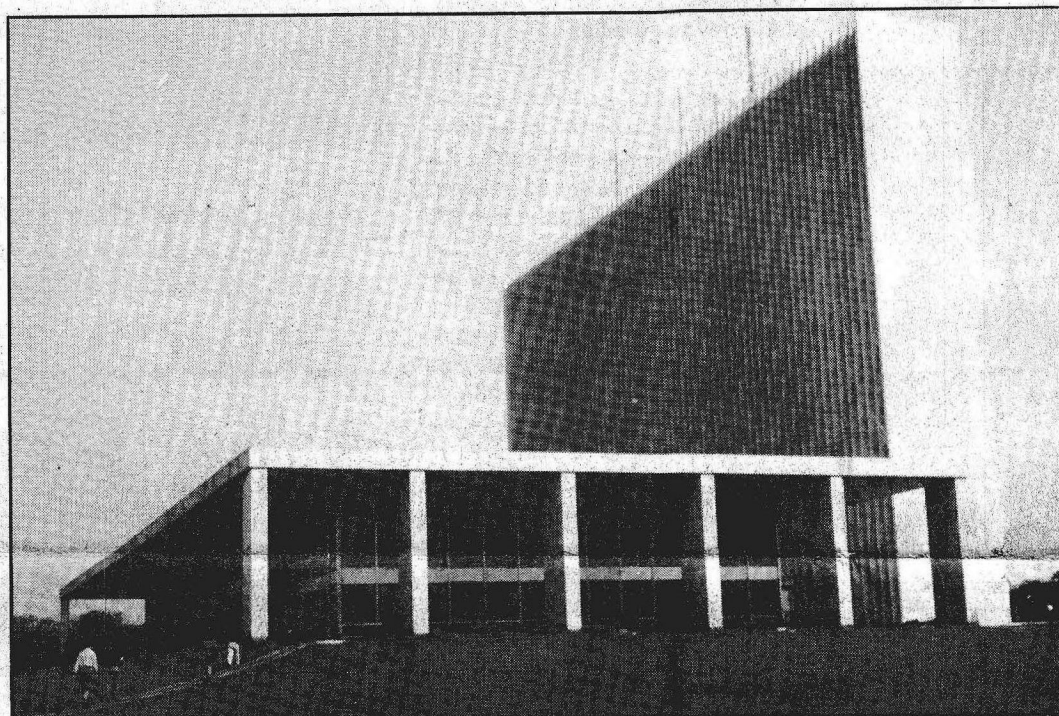
“Nunca vi, nem quero ver, mas já ouvi histórias de quase todos os andares, como pisadas, portas que se abrem e fecham, ou corria nas escadas. São muitas as reclamações, principalmente de mulheres. Tem sala que as pessoas não têm coragem de ficar sozinhas”, complementou o ascensorista José Leite, há 20 anos trabalhando no anexo do Buriti.

Congresso — No Congresso Nacional são muitas as histórias, principalmente de barulhos estranhos no prédio de 28 andares — na perna do “H” que funciona como anexo do Senado Federal. “Não vamos falar deste assunto não”, pediu inicialmente o segurança José Maria, há oito anos trabalhando na Casa, batendo três vezes no balcão e pedindo que Deus o proteja. Segundo ele, à noite, todas as luzes do prédio se apagam automaticamente, mas antes os seguranças fazem uma ronda pelas salas verificando se existem equipamentos ligados ou janelas e portas abertas. Alguns seguranças contam ouvir passos, portas e janelas batendo e barulho de máquinas de datilografia.

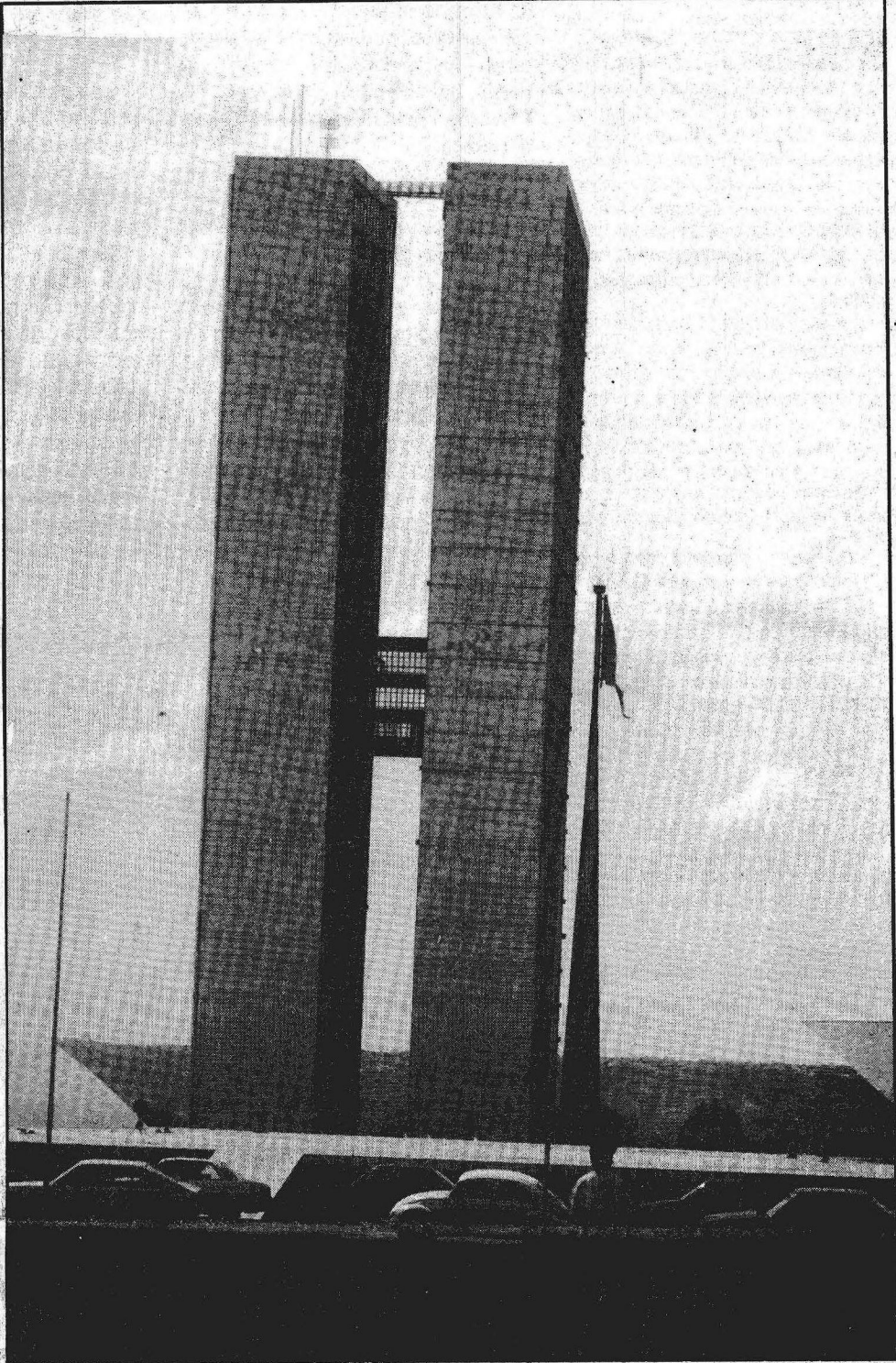
“Numa madrugada subi até o décimo quinto andar para descansar um pouco. Vi luz por baixo da porta e, quando me aproximei da sala, ouvi barulho de máquina de datilografia. Fiquei assustado porque havia feito a ronda e não havia mais ninguém trabalhando no prédio. Quando abri a porta a luz apagou e cessou o barulho. Os cabelos levantaram, as pernas ficaram bambas, o corpo adormeceu, a língua encheu a boca e parecia que eu estava gritando o mais alto possível, mas não saía som nenhum. Nunca mais quero passar por isso”, disse José Maria.



Ex-ministros e funcionários mortos ainda “batem ponto” no ministério de madrugada



O Palácio do Buriti e seu anexo também guardam suas almas penadas entre os arquivos



Fotos: Paulo Cabral

No anexo do Congresso as manifestações ocorrem logo após o expediente

Salão Negro aterroriza faxineiros

O Salão Negro, no térreo do Palácio da Justiça, é um dos pontos escolhidos pelos espíritos para se tornarem visíveis. Usado como local de velório de ex-ministros da Justiça, funcionários que trabalham na limpeza ou segurança do prédio, principalmente à noite, vêem o salão com reserva e ninguém se habilita a ficar sozinho no local. “Tem gente que disse ter visto ex-ministros passeando pelo salão. Mas tem ainda os que ouvem portas batendo, passos nas salas ou livros caindo na biblioteca”, contou um dos vigias do plantão da última quarta-feira. “O medo é tanto que outro dia um colega chegou de surpresa no posto do outro e ele saiu

correndo assustado”, disse.

O prédio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na Praça dos Tribunais, também abriga seus fantasmas e histórias misteriosas. Uma delas, difundida entre os funcionários, conta que um ex-diretor-geral, que ficou no cargo por mais de dez anos consecutivos, ainda hoje passava pelo primeiro andar, ocupa sua sala e toca a campainha chamando os funcionários. As pessoas que trabalham à noite costumam ainda ouvir vozes e passos pelas salas e corredores. “Uma vez ouvi vozes, saí para ver o que era, mas não vi nada”, contou um funcionário identificado como João. Ele acredita que pessoas mortas possam voltar ao

mundo terreno, mas somente com a permissão de Deus e não para fazer o mal.

O apego ao local de trabalho é também a explicação para a aparição de um ex-diretor da Polícia Civil, no prédio da direção-geral. Delegados e policiais já o viram nos corredores e ocupando o gabinete do chefe-maior da instituição, outros não o vêem, mas sentem a sua presença. “O ex-diretor morreu quando ainda ocupava o cargo e ele era uma pessoa muito dedicada ao trabalho”, contou um delegado, acrescentando que acredita na materialização do espírito. Há pouco tempo, complementou, as pessoas deixaram de ter a visão.

Mansão do Terror diz o que viu

“Eram umas dez horas da noite. Do lado de fora da casa tinha uma escada encostada na parede e um banco, onde eu estava sentado. De repente, ouvi um barulho numa moita de mato à minha frente e, em seguida, vi duas tochas de fogo que vinham em minha direção. Coloquei a mão no revólver, calibre 38, e puxei uma bala para a agulha. As tochas de fogo continuavam em minha direção e então desapareci duas vezes. Nenhum barulho. Guardei o revólver e tirei da bainha minha faca de nove polegadas, em aço puro, apontei para a frente e fui para cima. Não encontrei nada. Acendi a lanterna e vi um lobo caído, morto”.

Esta é uma das poucas histórias contadas por José Damião da Silva, 48 anos, em que o fato é composto por elementos reais. Mesmo assim, a história alcança um clima maior de suspense pelo uso de gestos, das pausas na fala, e das expressões faciais próprias para cada fase da narração. O “Mansão do Terror”, nome pelo qual é conhecido por causa de suas histórias incríveis, mas coerentes, que atraem o interesse e a curiosidade das pessoas que o conhecem, é um pioneiro que chegou em Brasília em 1957, trabalhou nas principais obras e atualmente é carpinteiro da Fundação Cultural. Como pioneiro que trabalhou

nas principais construções de Brasília, “Mansão do Terror” diz ter conhecido vários dos fantasmas que vagueiam pela cidade. Um dos mais antigos, contou, foi o de uma mulher loira que aparecia nos idos de 1972, dirigindo um Fusca branco. “Ela convidava os rapazes para passear e depois de se divertirem seguia para o cemitério, contava que era morta e que morava ali”, disse.

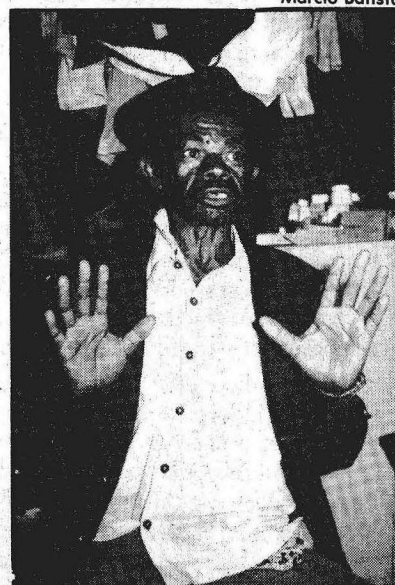
As aparições e barulhos que assustam os vigias do Museu de Artes de Brasília, ele atribui a um parai-bano e um alagoano, que vieram trabalhar na construção de Brasília, se desentenderam e se mataram. “Eles tinham uma rixa antiga. Um dia, beberam, discutiram, trocaram tiros até acabar a munição e passaram à agressão com facas. Os dois caíram mortos no terreno onde foi construído o Museu e é por isso que nada dá certo, o prédio é cheio de problemas, as pessoas se desentendem e ficam assustadas com os fantasmas”, contou Damião.

Na construção do Congresso Nacional, contou o carpinteiro, morreram cerca de 80 operários. Posteriormente, duas pessoas se atiraram do topo do prédio de 28 andares. “O lugar onde a pessoa cai morta é o seu canto sagrado”, explicou Damião. (G.F.)

Espíritos habitam Museu de Arte

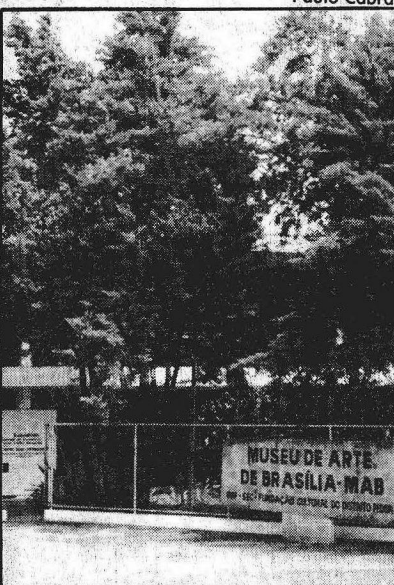
Numa madrugada, contam funcionários do Museu de Arte de Brasília, os vigias tiveram de comprar um pacote de velas e acendê-las para que cessassem os fenômenos estranhos que assustam e já resultaram na saída de funcionários do local. Além das pisadas ouvidas na sala de exposição, ouve-se barulho de portas que se abrem e fecham, água correndo das torneiras e descargas nos banheiros. Uma ex-administradora do Museu chegou a atender o pedido do antigo jardineiro, José Damião da Silva, para que fossem colocadas cruzes nos lugares onde morreram dois pioneiros que vieram trabalhar na construção de Brasília. Uma cruz continua ainda no lugar apontado por Damião. A outra, que ficava junto a um pé de goiaba, foi arrancada.

No horário entre 17h00 e 23h00, em intervalos de aproximadamente uma hora, a Sala Villalobos do Teatro Nacional — nos dias em que não há espetáculo artístico — torna-se palco das assombrações. Contou um vigia que, em sequência, a porta se abre, ouvem-se cinco passadas no taco e um facho de luz amarela sai da escuridão e desaparece, esverdeada, no centro do piso da sala. É lá, segundo José



José Damião, o Mansão do Terror, exorciza o Museu de Arte

Damião da Silva, o lugar onde morreu um dos operários que trabalhava na construção do prédio — um armador de ferragens conhecido como Negreiro. Outros dois trabalhadores morreram na obra, além de dois outros acidentes a partir de 1977 com vítima fatal. “Já ouvi algumas histórias, mas graças a Deus nunca vi nada”, disse um dos vigias do plantão da última quarta-feira, Pedro Diocleciano, que trabalha há 15 anos no local.



Paulo Cabral

Receita contra almas penadas

Vestido em seu casaco azul-marinho e com o chapéu de feltro preto — peças indispensáveis — José Damião da Silva faz jus ao apelido de “Mansão do Terror” pelas arrepiantes histórias que conta ter acontecido em sua andança pelo País. “Sou um homem corajoso. Só não vi ainda disco voador e só tenho medo do castigo de Deus”, assegurou. Além de contar histórias, Damião ensina como se proteger das coisas do outro mundo.

“Se você ver ou sentir a presença de qualquer coisa estranha

pegue uma faca ou qualquer objeto de aço puro e atravesse na boca segurando firme com os dentes. Acaba o medo e afastam as coisas ruins”, orienta. O poder maior, continua, vem de Deus, sendo aconselhável fazer um sinal da cruz e rezar o credo. Se tiver coragem e interesse em saber quem está querendo se comunicar, também tem ensinamento. “Se perceber que tem alguém, pergunte: ‘Quem pode mais do que Deus?’ A resposta deverá ser ‘ninguém’. Neste caso, continue: ‘Com o mesmo Deus diga lá o que tu queres’”. (G.F.)